

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA - VENDA PROIBIDA - RIO DE JANEIRO, 30 DE SETEMBRO DE 2026



JORNAL DOS SPORTS

DESDE 1931



INSTAGRAM.COM/JORNAL.DOS.SPORTS

Nº 57

CONTATO@JORNALDOSSPORTS.COM.BR



QUE GERAÇÃO É ESSA?

**BRASIL VIVE VAZIO DE PROTAGONISMO
E O FUTURO ASSUSTA.**

RAFAEL RIBEIRO/CBF

Próximos jogos do *Brasil*

OUTUBRO, 2026

sáb.,
3 out.



Índia

X



Brasil

11H
Amistoso
internacional

NOVEMBRO, 2026

sáb.,
14 nov.



Japão

X



Brasil

7H15
Amistoso
internacional

ter.,
17 nov.



Singapura

X



Brasil

7H
Amistoso
internacional

ACESSE
REDES
SOCIAIS,
PODCAST,
CANAL NO
YOUTUBE E
SITE DO JS.



JORNAL DOS
SPORTS
DESDE 1931

Artes e
diagramação:
Fábio Torres

Envio de
material e
sugestões:
contato@jor-
naldossports.
com.br

Anuncie no
Jornal dos
Sports
comercial@
jornaldoss-
ports.com.br

DISTRIBUIÇÃO
GRATUITA - VENDA
PROIBIDA

NÃO CONVINCE

O Brasil teve mais volume, ocupou o campo ofensivo e produziu mais do que no primeiro amistoso contra a Austrália. Ainda assim, o 4 a 2 em Brisbane está longe de representar uma atuação convincente. Vanderson abriu o placar, Raphinha marcou de pênalti, Bruno Guimarães fez o terceiro após boa troca de passes e Vini Júnior, também da marca da cal, fechou o resultado. Circati e Metcalfe fizeram os gols australianos. Dos quatro gols brasileiros, dois foram de pênalti.

Mais importante que o placar é entender como o Brasil jogou.

Otávio não transmitiu segurança em sua estreia, especialmente nas saídas. Nas laterais, seguimos sem respostas. Vanderson marcou, mas o gol não apaga uma atuação irregular. Mauro Júnior também pouco acrescentou. Hoje, o Brasil ainda não parece ter titulares indiscutíveis nas posições.

O maior problema está no meio. Danilo ajuda na circulação e Bruno Guimarães tem qualidade, visão e chegada à área, mas falta um jogador capaz de receber entre as linhas, acelerar o jogo e encontrar o último passe. Há circulação. Falta criação. A bola muitas vezes vai de um lado ao outro sem alterar a defesa adversária.

É também aí que o 4-2-4 de Carlo Ancelotti começa a ser questionado. O treinador parece preso a uma estrutura previsível, com poucas trocas de posição e pouca presença por dentro. O Brasil tem a bola, mas nem sempre cria vantagem com ela.

O próprio Ancelotti reconheceu uma limitação da geração:

— Não temos muita produção de meias.

Raphinha, utilizado como 9, chamou a responsabilidade, marcou e buscou o jogo até sair machucado, mas ainda está distante do jogador decisivo de que a Seleção precisa. Vini Júnior preocupa ainda mais. Pelo tamanho que tem no futebol mundial, segue entregando muito pouco com a camisa brasileira. Endrick entrou com fome e atacou espaços, mas teve pouco tempo.

Ancelotti, porém, bancou Vini:

— Para mim ele é fundamental. Não está no melhor momento, mas sempre pode fazer a diferença. Vou ter muita paciência com ele.

A próxima resposta virá contra a Índia, no dia 3.

RAFAEL RIBEIRO/CBF



AUSTRÁLIA

2

Patrick Beach; Alessandro Circati, Harry Souttar e Lucas Herrington; Jacob Italiano (Geria), Jackson Irvine (Yazbek), Paul Okon-Engstler (O'Neill), Connor Metcalfe (McGree) e Aziz Behich; Nestory Irankunda (Youkunis) e Tete Yengi (Velupillay)

Técnico: Tony Popovic



BRASIL

4

Otávio; Vanderson (Matheuzinho), Jair (Vitor Reis), Gabriel Magalhães e Mauro Júnior (Arthur Dias); Danilo (Breno Bidon), Bruno Guimarães (Martinelli) e Gabriel Bontempo (Andrey Santos); Rayan (Estêvão), Raphinha (Endrick) e Vini Jr. (Samuel Lino)

Técnico: Carlo Ancelotti

Local: Suncorp Stadium, Brisbane (AUS)

Gols: Vanderson, aos 2min, Circati, aos 28min, Metcalfe, aos 33min, e Raphinha, aos 45min do 1º tempo; Bruno Guimarães, aos 24min, e Vini Jr., aos 34min do 2º tempo.

Cartões amarelos: Gabriel Magalhães e Endrick (Brasil); Irankunda e Souttar (Austrália).

Arbitragem: Yusuke Araki, auxiliado por Kota Watanabe e Kohe Ando (Japão).

FOTOS DE RAFAEL RIBEIRO/CBF



Talvez a pior derrota do Brasil não seja perder uma Copa. Seja perder o Brasil.

Em 180 minutos contra a fraquíssima Austrália, levamos três gols. Fizemos cinco, é verdade. Mas, se houve 15 minutos de futebol digno da camisa amarela, já estamos sendo generosos. Restou um futebol burocrático, engessado, previsível. A bola circula, os jogadores correm, a prancheta funciona. Tudo está no lugar. Menos o imprevisto. Menos a ousadia.

ONDE FOI PARAR O BRASIL?

E de quem é a culpa? Da CBF, especialista em desperdiçar gerações? De uma safra exaltada por jogar no Real Madrid, Barcelona ou Premier League, mas que, com a camisa do Brasil, tantas vezes parece apenas boa? Ou de Carlo Ancelotti? Cinco Champions League, currículo colossal. Mas um futebol que jamais falou português brasilei-

ro. Linhas de quatro, disciplina, prudência, controle. Tudo correto. Tudo organizado. E tudo distante daquilo que aprendemos a chamar de Seleção Brasileira.

Vini Jr., Raphinha, Endrick, Estêvão, Bruno Guimarães. São esses os homens que vão nos devolver o mundo? É cruel comparar. Mas o Brasil nos estragou. Tivemos Romário, Ronaldo, Rivaldo, Ronaldinho e Kaká. Antes, Zico, Sócrates, Pelé, Garrincha, Rivelino e Tostão. Houve um tempo em que escolhíamos quais craques ficariam no banco. Hoje discutimos se temos um craque.

A GERAÇÃO DO LIKE

A Seleção sempre foi um retrato do Brasil. Talvez seja por isso que doa tanto olhar para ela agora. Viramos a geração do TikTok, do like, da dancinha, do seguidor, da fama antes da obra. Uma geração que aprendeu a transformar tudo em conteúdo — até aqui-

lo que um dia foi sagrado. E o futebol não escapou. O jogo vira palco, a comemoração vira postagem, a convocação vira conteúdo.

Não é culpa de Vini Jr., Raphinha, Estêvão, Endrick ou de qualquer outro não ser Pelé, Romário ou Ronaldo. O problema começa quando chamamos todo bom jogador de craque, toda promessa de fenômeno e todo famoso de ídolo. Ídolo virou uma palavra barata.

Estamos infantilizando nossos jovens e assistindo nossos jovens infantilizarem o futebol. Não porque sejam culpados pela época, mas porque são produtos dela. Cresceram num mundo em que a atenção virou moeda, o algoritmo virou juiz e o número de seguidores parece um placar da existência. Uma sociedade que ensina fama antes de grandeza e engajamento antes de história não poderia imaginar um futebol intacto.

QUANDO O CRAQUE
ERA CRAQUE

Pelé não precisou pedir atenção. Romário não precisou fabricar personagem. Ronaldo não precisou explicar que era Fenômeno. Eles jogavam. E o Brasil inteiro entendia. Garrincha não precisava de assessoria de imagem para entortar lateral. Zico não precisava de corte viral para lotar o Maracanã.

O futebol sempre teve vaidade, publicidade e espetáculo. A diferença é que o espetáculo vinha depois da obra. Primeiro era preciso jogar. Primeiro era preciso fazer. Primeiro era preciso ser. Hoje queremos consagrar antes mesmo de o sujeito construir uma história.

Talvez esteja na hora de parar de fabricar deuses de chuteira e voltar a tratar jogador como jogador. Devolver à palavra “ído-lo” algum peso. Porque ídolos de verdade deveriam estar mais perto de casa: nossos pais, nossos filhos, nossos irmãos.

A Seleção talvez não tenha perdido apenas o futebol. Talvez tenha perdido também a medida das coisas. E talvez essa seja a grande angústia: olhar para o campo e perceber que ali está, de alguma forma, o espelho de nós mesmos.

A Copa vai chegar. A dúvida é se o Brasil chegará com ela.

Agora, dá licença que vou postar minha dancinha no TikTok e fazer uma piada para comentarem “lá ele.”



ATUAÇÕES

Otávio	3,0
<i>Inseguro nas saídas e com os pés. Estreia para ser esquecida logo.</i>	
Vanderson	5,0
<i>Fez o gol, mas ainda não convence como solução da lateral direita.</i>	
Matheuzinho	5,0
<i>Correto ao entrar, mas fez pouco para se colocar como opção.</i>	
Jair Cunha	5,5
<i>Seguro no geral, mas vacilou pelo alto e poderia ter custado caro.</i>	
Gabriel Magalhães	5,5
<i>Longe de sua melhor versão. Seguro, mas sem a autoridade habitual.</i>	
Mauro Júnior	5,0
<i>Defendeu bem, mas com a bola produziu pouco para a camisa amarela.</i>	
Bruno Guimarães	6,0
<i>Organizou e marcou, mas ainda precisa acelerar bem mais esse meio.</i>	
Danilo	6,0
<i>Participou dos gols e deu qualidade. Um dos poucos a criar perigo.</i>	
Gabriel Bontempo	5,5
<i>Deu assistência, começou bem e depois sumiu demais durante o jogo.</i>	
Andrey Santos	4,0
<i>Marcou firme, mas com a bola ainda entrega menos do que se espera.</i>	
Rayan	4,0
<i>Começou vivo, caiu de produção e errou demais na hora de resolver.</i>	
Estêvão	5,5
<i>Entrou aceso, mas precisa transformar talento em presença no jogo.</i>	
Raphinha	6,0
<i>Fez o gol e chamou o jogo, mas ainda falta ser o craque do Brasil.</i>	
Endrick	5,5
<i>Entrou com fome, brigou e criou. Pedir passagem entre os titulares.</i>	
Vini Jr.	5,0
<i>Reagiu e marcou, mas o primeiro tempo voltou a preocupar bastante.</i>	
Carlo Ancelotti	5,0
<i>Mudou o meio e melhorou o time, mas os problemas seguem evidentes. Precisa parar de teimosia e abandonar o 4-2-4. Não estamos em 70!</i>	
Martinelli, Breno Bidon, Samuel Lino, Vitor Reis e Arthur Dias	
<i>Pouco tempo em campo. Sem nota</i>	



Colunista convidado

Luís Fernando Pessoa

O maior ativo de um clube talvez não esteja dentro de campo. Está na arquibancada, no sofá, no celular do torcedor e, principalmente, no que acontece antes e depois dos 90 minutos. Durante décadas, o futebol construiu seu modelo econômico apoiado em bilheteria, direitos de transmissão, patrocínio e venda de jogadores. Essas fontes continuam relevantes, mas o novo desafio é ir além. Os números internacionais mostram que essa transformação já está em curso em comparação com as temporadas anteriores, e quase metade desse crescimento vem de atividades comerciais, que incluem patrocínio, varejo, licenciamento e exploração dos estádios fora dos dias de jogos. Parte desse avanço vem justamente da capacidade de transformar estádio, marca e entorno em negócios permanentes, com restaurantes, experiências, varejo e entretenimento. O que diferencia os clubes mais estruturados não é apenas o desempenho esportivo, mas a capacidade de monetizar sua marca todos os dias, e não apenas quando a bola rola.

Vender mais, porém, é pouco. É preciso criar mais motivos para o torcedor querer estar próximo do clube. Sócio torcedor, produtos licenciados, comércio eletrônico, experiências, conteúdo exclusivo, hos-

A melhor receita é a que está na torcida

pitalidade, serviços e plataformas digitais são algumas das possibilidades. Quem compra uma camisa pode consumir outros produtos; quem mora longe do estádio pode participar de um programa de relacionamento; e o patrocinador pode deixar de ser apenas um logotipo no peito para se tornar parte da experiência da torcida. Mas existe um princípio de gestão que não pode ser ignorado: concentração de receita é risco. Um grande patrocinador é um parceiro estratégico, mas depender excessivamente de uma empresa, de um setor ou de um único contrato significa transferir para o clube os riscos daquele mercado, como uma recessão, uma mudança regulatória, uma alteração de estratégia em-

presarial ou uma retração do segmento. Diversificar não significa desvalorizar o patrocinador; significa proteger o clube. A receita de qualidade precisa ter três características: ser diversificada, porque nenhuma fonte isoladamente pode colocar o orçamento em risco; recorrente e previsível, porque a sustentabilidade não pode depender apenas de títulos, vendas extraordinárias ou uma grande transferência; e baseada em relacionamento, porque nasce do conhecimento profundo de quem está do outro lado. É transformar o torcedor em um relacionamento de longo prazo e esse relacionamento em valor.

O futebol não precisa, necessariamente, de mais torcedores para crescer. Precisa aprender a se relacionar melhor com os que já têm. A paixão já existe, a marca já existe, a comunidade já existe. O desafio é transformar paixão em relacionamento, relacionamento em engajamento e engajamento em receita. Para o gestor, isso significa fazer perguntas que deveriam estar na mesa de toda diretoria: qual percentual da receita comercial vem do maior patrocinador e dos três maiores? Quanto da receita do próximo ano já está contratada antes de a bola rolar? Quantos torcedores o clube realmente conhece, com dados e histórico de consumo? Quanto a marca, o estádio e os canais digitais geram nos dias em que não há jogo? Não existe um benchmark universal para todas essas respostas. O primeiro passo é medir, acompanhar a evolução e comparar o desempenho do próprio clube. Se a gestão não consegue responder a essas perguntas, a diversificação ainda é discurso, não estratégia. A paixão sempre foi o maior patrimônio do futebol. A próxima revolução será descobrir quantos negócios ainda podem nascer dela, construindo um modelo em que nenhuma derrota, dentro ou fora de campo, seja capaz de colocar todo o ecossistema financeiro em risco. No futebol do futuro, a melhor receita não será apenas a maior. Será aquela que o clube consegue prever, repetir, diversificar e ampliar a partir do ativo que nenhum outro esporte possui na mesma dimensão: a paixão do torcedor.



Salvar uma instituição pode ser necessário. Mas quem escolhe aqueles que pagarão pela sua sobrevivência?

Tenho grande admiração pelo presidente Pedrinho. Pelo ex-atleta, pela identificação com o Vasco e pela coragem de assumir a presidência de uma instituição que ama em um dos períodos mais complexos de sua história. Mas existe outro lado da mesa que conheço pessoalmente. Sou credor do Vasco. E isso muda o lugar de onde observo algumas dessas decisões.

Assisti à entrevista de Pedrinho após mais um passo importante no processo de venda da SAF. Vi um presidente emocionado, falando de resistência, luta e resiliência depois de um período extremamente difícil. Foi impactante, porque é impossível ignorar sua relação com o Vasco. O menino que cresceu no clube, tornou-se jogador, campeão, ídolo e, muitos anos depois, presidente da instituição que ajudou a construir sua própria história.

Como alguém que também viveu a formação e chegou ao futebol profissional dentro de uma instituição com a qual construí, desde muito jovem, uma relação que vai além do futebol, consigo compreender o tamanho desse vínculo e o que uma trajetória como essa representa. Mas decisões difíceis têm consequências. E, quase sempre, alguém paga por elas.

A recuperação judicial é um instrumento previsto em lei e não é exclusividade do futebol. Existe para permitir que instituições em dificuldades reorganizem suas dívidas e encontrem condições para continuar existindo. Como profissional de negócios, compreendo a lógica. Como credor, conheço a consequência. Porque, do outro lado da dívida, sempre existe alguém: uma empresa que prestou um serviço, um profissional que trabalhou, uma família que fez seus planos contando com aquele recurso.

Quando as condições mudam, o impacto não desaparece. Ele apenas muda de lado. E talvez seja esse um ponto que ainda discutimos pouco no futebol brasileiro. Falamos muito sobre salvar clu-



Colunista convidado
Fábio Mello

Entre a emoção e a conta

bes, mas pouco sobre quem participa involuntariamente desse salvamento. O credor, muitas vezes, apenas cumpriu sua parte em uma relação comercial e depois passa a fazer parte da solução financeira de uma crise que não criou.

Isso não transforma a recuperação judicial em algo ilegítimo. Em determinadas circunstâncias, pode ser uma alternativa para evitar consequências ainda mais graves. Mas existe uma diferença importante:

a legalidade de uma decisão não elimina suas consequências.

É justamente por isso que consigo admirar Pedrinho e, ao mesmo tempo, questionar algumas decisões tomadas durante esse processo. Talvez liderança também seja isso: tomar decisões, acertar, errar, ser criticado e continuar. Mas compreender a dificuldade de quem decide não significa ignorar quem sofre as consequências da decisão.

O Vasco pode estar diante de um novo capítulo de sua história. Espero sinceramente que seja um capítulo de reconstrução, responsabilidade e estabilidade. Para o Vasco, para o futebol brasileiro, para os profissionais, para os torcedores e também para os credores.

Porque salvar uma instituição centenária é importante. Mas talvez a verdadeira medida de uma reconstrução não esteja apenas em garantir sua sobrevivência, mas também na forma como ela reconhece e trata aqueles que, mesmo sem escolher, ajudaram a pagar por ela.



DIKRAN SAHAGIAN/VASCO



TRABALHO
MUDA VIDAS,



CORAGEM
TRANSFORMA
A CIDADE

Para quem precisa de atendimento de saúde, a coragem vira cuidado. Para o aluno dos novos GETs, a coragem vira oportunidade. Para o trabalhador que usa o BRT, a coragem vira respeito. Para o cidadão que vê a Força Municipal na rua, a coragem vira tranquilidade. **O Rio é pra quem tem coragem de enfrentar problemas com gestão profissional, transparência e compromisso com a nossa gente. O trabalho muda vidas, a coragem transforma a cidade.**

coragemtransforma.prefeitura.rio

P R E F E I T U R A

RIO
A SERVIÇO DE TODO CARIOCA